

*Conselho Regional de Serviço Social de Minas Gerais*

# **DOCUMENTO PARA O FORTALECIMENTO DOS NÚCLEOS DE ASSISTENTES SOCIAIS (NAS)**



## FICHA TÉCNICA

### Documento Para o Fortalecimento dos Núcleos de Assistentes Sociais (NAS)

Elaboração:

Diego Tabosa da Silva  
Luciana Gonçalves Pereira de Paula  
Susana Maria Maia

Projeto Gráfico e Diagramação:  
Dayane Reis

Revisão: Marcela Viana

Organização: Talita Freire M. Anacleto

Realização: Comissão de Apoio a Grupos Organizados (Comago)

Coordenação geral: Fabiana Nascimento Marques.

Coordenação nas Seccionais:  
Juiz de Fora: Francinelly A. Mattoso e Robson Luiz Marques da Silva.

Montes Claros: Maryene Mesquita Mota e Leonardo da Silva Prates.

Uberlândia: Kelly A. de Oliveira Rufino.

**Conselho Regional de Serviço Social de Minas Gerais**

*Novembro de 2022*



## GESTÃO “UNIDADE NA LUTA PARA RESISTIR E AVANÇAR” (2020-2023)

### SEDE

#### Diretoria

Presidenta: Julia Maria Muniz Restori  
Vice-presidente: José Ribeiro Gomes  
1ª Secretária: Francielly Ferreira Caetano  
2º Secretário: Cláudio H. Miranda Horst  
1º Tesoureiro: Leonardo Koury Martins  
2ª Tesoureira: Daniella Lopes Coelho

#### Conselho Fiscal

Presidenta: Angelita Rangel Ferreira  
1ª Vogal: Aline Vicente Jubim da Silva  
2ª Vogal: Débora Nunes Abreu

#### Suplentes

Fábio Cândido Borges  
Gláucia de Fátima Batista  
Mauri de Carvalho Braga  
Luciana Barroso Rosmaninho  
Thaíse Seixas Peixoto Carvalho  
Fabiana Nascimento Marques  
Marcelo Armando Rodrigues

### SECCIONAL JUIZ DE FORA

Coordenadora: Geíza Taianara da Silva  
Tesoureiro: Jhony Oliveira Zigato  
Secretária: Francinelly Aparecida Mattoso  
1º Suplente: Robson Luiz M. da Silva  
2ª Suplente: Deiseleny Lopes Teixeira  
3ª Suplente: Marcilea Tomaz

### SECCIONAL MONTES CLAROS

Coordenadora: Noêmia de F. Silva Lopes  
Tesoureira: Michele Amanda Gois Vieira  
Secretária: Mauricéia R. de Oliveira  
1º Suplente: Leonardo da Silva Prates  
2ª Suplente: Maryene Mesquita Mota

### SECCIONAL UBERLÂNDIA

Coordenador: Rodrigo Valadares  
Tesoureiro: Renato Mateus de Santana  
Secretária: Kelly A. de Oliveira Rufino  
1ª Suplente: Priscila Sampaio da Silva  
2º Suplente: Warles Rodrigues Almeida

---

*Para criar um NAS em sua região ou tirar outras dúvidas sobre estes coletivos, entre em contato com a Comago pelo e-mail:*

[comago@cress-mg.org.br](mailto:comago@cress-mg.org.br)

# APRESENTAÇÃO

*"Eu já estou com o pé nessa estrada  
Qualquer dia a gente se vê  
Sei que nada será como antes, amanhã"<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup>Trecho da música "Nada será como antes", de autoria de Milton Nascimento.

“Muito caminhamos até que aqui voltamos, e, se aqui chegamos, não viemos só!”. Escolhemos este trecho da “Carta de Maceió da Terra de Dandara” (Carta do 49º Encontro Nacional do Conjunto CFESS-CRESS) para iniciar a apresentação desta cartilha, pois em sua essência ele revela o movimento histórico e coletivo que estabelecemos para a construção do **Documento Para o Fortalecimento Dos Núcleos De Assistentes Sociais (NAS)**.

Este movimento é histórico, não apenas porque reconhecemos a história como elemento necessário e fundamental para a compreensão da realidade social, mas também porque, para iniciar nossos debates e o processo de construção deste documento, partimos de reflexões e problematizações já construídas anteriormente.

O poeta, compositor e cantor Milton Nascimento<sup>2</sup> diz que “o trem que chega é o mesmo trem da partida”<sup>3</sup>. Com essa afirmação, ele nos faz compreender que todo ponto de chegada deve, também, abrir possibilidade para um novo começo. E foi com base nessa compreensão que utilizamos como nosso ponto de partida o documento especial n. 6: Subsídios para fortalecimento das ações e organização dos núcleos de assistentes sociais (NAS), publicado pelo CRESS-MG, na gestão 2014/2017. Ele nos serviu de inspiração e orientação em todo o decorrer do processo.

Foram realizadas reuniões, leituras, estudos, pesquisas, análises, mas, principalmente, diálogos e reflexões entre diversos atores envolvidos na construção deste documento desde sua proposição: comissão de assessoria, COMAGO, trabalhadoras e trabalhadores do CRESS-MG e os Núcleos de Assistentes Sociais de Minas Gerais.

Portanto, **este documento é coletivo**, pois é uma cartilha escrita a muitas mãos, com a contribuição de muitas/os profissionais (assisten-

---

<sup>2</sup>Milton Nascimento nasceu em 1942, na Tijuca, no Rio de Janeiro, mas toda a sua obra se construiu em diálogo com os elementos presentes na nossa mineiridade pela relação afetiva que ele estabeleceu com Minas Gerais, desde a infância. Assim, o artista é uma referência dentro do cenário da cultura mineira e neste ano em que celebra 80 anos de vida, será tomado como inspiração para o documento que se apresenta.

<sup>3</sup>Trecho da música “Encontros e Despedidas”, de autoria de Milton Nascimento.

tes sociais, assessorias de comunicação e jurídica, e demais profissões envolvidas). Mas, sobretudo, é coletivo, porque parte do diálogo que foi diretamente realizado com os Núcleos de Assistentes Sociais em atividade no estado de Minas Gerais.

Este diálogo foi estabelecido por meio do envio de um instrumento de consulta aos NAS e a realização de duas oficinas regionalizadas para o debate/aprofundamento das questões motivadoras:

1. **Que elementos da conjuntura mais impactam o Serviço Social na atualidade?**
2. **Como vocês veem o papel/lugar/função do NAS no âmbito do conjunto CFESS/CRESS? Quais limites e possibilidades estão presentes nessa relação?**
3. **Relate pelo menos duas experiências exitosas desenvolvidas pelo NAS, indicando objetivo, planejamento, metodologia, avaliação.**
4. **Apresente propostas/sugestões de ações/debates que possam ser desenvolvidas junto aos NAS para o seu fortalecimento.**
5. **Que elementos um documento como os subsídios precisa conter? Quais sugestões vocês dariam para o Documento?**

A comissão<sup>4</sup> recebeu o retorno de 11 (onze) NAS, representando um total de 42% dos núcleos de Minas Gerais. Nas oficinas que foram realizadas nos dias 13 e 28 de setembro de 2022 conseguimos reunir 37 (trinta e sete) profissionais, que juntas/os representaram 18 (dezoito) NAS diretamente envolvidos no processo.

No decorrer da realização das duas oficinas pudemos avançar nos debates propostos, incorporando o diálogo realizado com os NAS, no intuito de buscar os elementos centrais que deveriam constituir o presente documento. Nossa intenção, desde o início, foi envolver os

.....

<sup>4</sup>A comissão de elaboração do documento foi constituída pelas/o assistentes sociais Diego Tabosa da Silva, Luciana Gonçalves Pereira de Paula e Susana Maria Maia.

próprios Núcleos na construção desse material, tornando-os protagonistas de um processo coletivo.

Escolhemos este caminho porque sabemos que, mesmo vivendo em tempos tão adversos, em que se manifestam crises de todas as ordens e ataques brutais aos trabalhadores, às políticas sociais, aos conselhos profissionais e às universidades, devemos fortalecer os processos coletivos sempre. São eles que permitem a resistência e a luta. O material aqui apresentado, estrutura-se, portanto, a partir de eixos e destaques identificados nesse percurso.

Ainda inspiradas/os pela Carta de Maceió da Terra de Dandara, esperamos que as problematizações que apresentamos nesta cartilha, possam servir de fermento para as reflexões críticas que assistentes sociais mineiras/os busquem realizar, na certeza de que “a luta que querem cessar, insiste” e de que firmes e juntas nas tantas lutas que nos aguarda, iremos “de punho cerrado, de braço erguido, pois, em conjunto, nossa força é maior!”

*“Eu sou da América do Sul  
Eu sei, vocês não vão saber (...)  
Sou do ouro, eu sou vocês  
Sou do mundo, sou Minas Gerais”<sup>5</sup>*

---

<sup>5</sup>Trecho da música “Para Lennon e McCartney”, de autoria de Milton Nascimento. ho da música “Para Lennon e McCartney”, de autoria de Milton Nascimento.

# 1. DE QUE CHÃO PARTIMOS?

*"Com a roupa encharcada e  
alma repleta de chão"<sup>6</sup>*

---

<sup>6</sup>Trecho da música "Nos Bailes da Vida", de autoria de Milton Nascimento.

A análise de situações ocorridas no cotidiano, que atravessam a produção e a reprodução da vida, e, conseqüentemente, o trabalho profissional de assistentes sociais e as condições de nossa reprodução enquanto classe trabalhadora, deve ser um exercício permanente, parte da construção de nosso fazer profissional, seja nos espaços ocupacionais onde estamos inseridos, nos movimentos sociais, na formação profissional, seja nos espaços de organização política da categoria, como os NAS.

O sociólogo Herbert José de Souza, nosso Betinho, lançou em 1984 um livro que ainda é uma importante referência para nós: *“Como se faz análise de conjuntura”*. Nele, aponta que a análise de conjuntura é um ato político, é uma tarefa que, para além do conhecimento de fatos e acontecimentos, exige uma capacidade de perceber, compreender, descobrir sentidos, relações e tendências a partir destas informações.

A partir do exercício junto a profissionais articuladas ao NAS de identificar elementos da conjuntura que impactam o Serviço Social na atualidade, alguns foram mais expressivos:

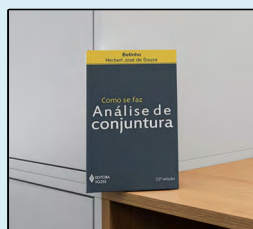
- Perpetuação do modelo de Estado neoliberal que preconiza a desumanização da vida através da desregulamentação dos direitos sociais, do desmonte e desfinanciamento das políticas públicas, sociais e de direitos humanos;
- Ataque ao mundo do trabalho por meio da precarização das

### ***Categorias para se fazer análise de conjuntura:***

- *Acontecimentos*
- *Cenários*
- *Atores*
- *Relação de forças*
- *Articulação (relação) entre “estrutura” e “conjuntura”*

### ***Dica de leitura:***

*SOUZA, Herbert José de. Como se faz análise de conjuntura. Petrópolis, Editora Vozes, 1985.*





relações e condições de trabalho, desregulamentação de direitos trabalhistas, subemprego, desemprego estrutural;

- Agravamento das expressões multifacetadas da questão social demarcado pelo aumento da fome e miséria, violência e violação de direitos, criminalização da pobreza, extermínio da população negra, violência contra mulheres e população LGBTQIA+;
- Reatualização e avanço do conservadorismo que se expressa na ascensão de políticos e governos de extrema direita, na retomada de pautas conservadoras e práticas discriminatórias;
- Fragmentação da classe trabalhadora e ataque às suas formas organizativas;
- Crise ambiental e ecológica que impõe limites à reprodução da vida social;
- Impactos, ainda sem medida, da pandemia de Covid-19.

É preciso ampliar a análise dessas expressões como que por uma lente, a partir do movimento de trazer à memória. Trazer à memória, como nos provoca a poetisa mineira, Adélia Prado (\*), é um exercício que nos permite eternizar e materializar momentos, sentimentos, afetos, mas também, conjunturas e contextos sócio históricos.

***É que a memória é contrária ao tempo.  
Enquanto o tempo leva a vida embora  
como vento, a memória traz de volta o  
que realmente importa.***

Adelia Prado [trecho do poema  
“O que a memória ama, fica eterno”]

Podemos dizer que trazer à memória é um movimento central no exercício dialético de captar e compreender as determinações que se expressam e compõem os fenômenos que se apresentam na conjuntu-

ra, num movimento contínuo e profícuo de afirmação e negação das contradições. Esse é um exercício de análise de conjuntura!

Esse conjunto de elementos – mais ou menos extenuantes a partir de cada contexto e conjuntura – são expressão de um momento histórico que vivemos.

***De que momento falamos? Quais são os fundamentos que conectam essas expressões objetivadas no cotidiano da vida e da reprodução das relações sociais?***

É importante situar nossa análise na história, no processo histórico que se desenvolve e impacta no conjunto da vida social. Vivemos em um período histórico marcado pela hegemonia política e econômica da sociabilidade do capital, um modo de produção e regulação da vida social fundado na apropriação privada da riqueza socialmente produzida e na exploração do trabalho, como fundamento da produção do mais valor. A acumulação do capital é dinâmica e expansiva, nas análises de Marx, se apresenta como uma forma permanentemente revolucionária, constituída, portanto, de sucessivas mutações de suas estruturas produtivas, bem como das relações sociais e de produção, sempre com vistas a intensificar o potencial de acumulação de capital.

Sabemos que no século passado, no final da década de 1960 e ao longo dos anos 1970, este modo de produção entra numa nova crise, agora como um movimento em direção a um colapso diante da produtividade do capital, se aproximando de certos limites estruturais do capital (MÉSZÁROS, 2011). Desde então, se acirra o caráter predatório do capital, seja sobre a natureza e o conjunto de matérias-primas incorporadas nos processos produtivos, seja sobre as classes trabalhadoras, inaugurando, nas análise de Netto (2013) uma face mais contemporânea da barbárie, generalizada nas formações econômico-sociais e que incide sobre as expressões da “questão social” e as formas de sua gestão. Podemos dizer que essa expansão da barbárie

nos atinge duplamente enquanto assistentes sociais: como pertencentes à classe trabalhadora, e, portanto, submetida à intensificação de processos de precarização e de exploração; e enquanto categoria profissional que, inserida na divisão sócio técnica do trabalho, é legatária dos embates entre as classes sociais e destas com o Estado, em virtude do enfrentamento da “questão social” (IAMAMOTO, 2011).

Ampliar a lente destes elementos conjunturais que se apresentam como desafios à profissão, requer, portanto, que estabeleçamos as conexões com o contexto sócio histórico de reprodução do capital e de suas respostas à sua crise estrutural, compreendendo que cada contexto apresenta particularidades e extenuantes próprios – como podemos identificar durante a crise de 2008 [conhecida como crise da bolha imobiliária] e agora, em meio à crise política, econômica e sanitária provocada pela pandemia de Covid-19.

Ocorre que essas análises precisam considerar o grande motor da história: a luta de classes (MARX, 2010). A classe trabalhadora, em seus diversos segmentos, não “assistem” ao avanço e recomposição do capital sem incidir sobre esse processo, ao contrário, é o termômetro destas lutas que permitirá estabelecer “travas” ao avanço do capital, a exigência de atendimento a demandas dos trabalhadores, a ampliação ou retração de direitos.

***Somos herdeiras/os de lutas do passado e do presente que, na contramão da história, vão construindo processos de resistência.***

Os processos de resistência da classe trabalhadora têm um papel decisivo na luta de classes e na formação da consciência, que se desenvolve a partir da práxis política, da organização e formação política, do trabalho de base, da organização classista, das mobilizações de rua, ocupações no campo e na cidade, greves gerais e particulares. A luta da classe trabalhadora, é luta concreta, cotidiana. Mulheres, negras/os, população LGBTQIA+, migrantes, trabalhadoras/es rurais, Sem Terra, Sem Teto, Comunidades Tradicionais, Quilombolas, Sin-

dicatos, Partidos, trabalhadoras/es informais, frentes e fóruns, coletivos mais diversos, vão tecendo lutas cotidianas na defesa da vida e dos direitos, no campo e na cidade, estabelecendo formas de organização que têm condições de avançar com suas ações coletivas. Vivemos um período de lutas e resistências.

Nosso projeto profissional se alinha a estas lutas e nos inserimos nas mesmas. A luta e o processo organizativo da categoria compõem o contexto sócio histórico da luta de classes. A luta da categoria é a luta da classe trabalhadora. Portanto, os períodos históricos de avanço da organização da classe e os períodos de refluxo, irão impactar diretamente na organização da categoria profissional.

*Como exemplo, destaca-se que vivemos um momento histórico onde a dimensão da participação e organização são desvalorizadas ou colocadas em segundo plano. Isso afeta diretamente a categoria, visto termos essa dimensão como centralidade em nossa atuação profissional. Nem todas/os profissionais estão dispostos ou têm condições de atuar de forma mais direta e sistemática nas ações da categoria. Como pensar uma dinâmica que leve isso em consideração? De forma a potencializar a presença e participação, considerando etapas distintas de pertencimento? Como trabalhar processos de transição e de trabalho de base para o fortalecimento de nossos espaços coletivos? Estas são algumas das questões sobre as quais devemos nos debruçar ao construir o planejamento de nossas ações e nossos momentos avaliativos.*

Somos marcadas/os por projetos societários em disputa e, da mesma forma, projetos profissionais em disputa. A defesa de um projeto profissional com direção crítica que nos conecta à defesa intransigente da vida e dos direitos, na defesa e construção de um projeto societário sob bases emancipatórias precisa estar expressa nas ações.

Reafirmamos a atualidade e relevância do projeto profissional, como um instrumento que possibilita o fortalecimento do Serviço

Social enquanto profissão e de assistentes sociais enquanto agentes de transformação, junto à classe trabalhadora, na busca pela superação da ordem estabelecida.

Destacamos que, por mais que estejamos “com a roupa encharcada” das durezas do nosso tempo histórico, somente uma “alma repleta de chão” será capaz de construir um outro horizonte societário.

*"Quero a utopia, quero tudo e mais  
Quero a felicidade nos olhos de um pai  
Quero a alegria muita gente feliz  
Quero que a justiça reine em meu país  
Quero a liberdade, quero o vinho e o pão  
Quero ser amizade, quero amor, prazer  
Quero nossa cidade sempre ensolarada  
Os meninos e o povo no poder, eu quero ver  
São José da Costa Rica, coração civil  
Me inspire no meu sonho de amor Brasil  
Se o poeta é o que sonha o que vai ser real  
Vou sonhar coisas boas que o homem faz  
É esperar pelos frutos no quintal  
Sem polícia, nem a milícia, nem feitiço pra ter poder  
Viva a preguiça, viva a malícia que são a gente é que sabe ter  
Assim dizendo a minha utopia eu vou levando a vida  
Eu vou viver bem melhor  
Doido pra ver o meu sonho teimoso, um dia se realizar"*<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Letra da música “Coração Civil”, de autoria de Milton Nascimento



## **2. “É MINHA FORÇA, É NOSSA ENERGIA”: SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO “ENSINANDO QUE A LUTA É MESMO COMIGO”<sup>8</sup>**

---

<sup>8</sup>Trechos da Música “Raça”, de autoria de Fernando Brant e Milton Nascimento.

Como temos visto até aqui, não tem sido fáceis os tempos em que vivemos, e é por isso que recorremos à música interpretada por Milton Nascimento para dizer que “*Lá vem o canto, o berro de fera, Lá vem a voz de qualquer primavera, Lá vem a unha rasgando a garganta, A fome, a fúria, o sangue que já se levanta*”, é preciso, a todo tempo resgatar a história desta profissão que, no Brasil, desde a década de 1930, tem construído uma trajetória de luta e resistência.

Há quase noventa anos surge o Serviço Social no Brasil, fortemente vinculado com a Igreja Católica e com os interesses e valores das classes dominantes. E esta gênese promoveu nos anos iniciais da nossa profissão traços de assistencialismo, clientelismo e práticas caritativas, que marcaram por muito tempo o trabalho profissional. E por mais que pareça óbvio, devemos demarcar que o Serviço Social é uma profissão, criada em um momento de desenvolvimento capitalista<sup>9</sup>, sob traços da sociedade brasileira (escravista, dependente), para atender às demandas do Estado e sob uma orientação ideológica conservadora.

Nos anos 50 do século XX, temos um marco importante para nossa profissão, trata-se da aprovação da Lei 3.252 de 27 de agosto de 1957, primeira Lei que regulamenta a profissão no território brasileiro e que abre espaço para a criação dos Conselhos Federal e Regionais de Assistentes Sociais, por meio do Decreto de Nº 994, datado de **15 de maio de 1962**.

No desenvolvimento do Serviço Social no país, é imperativo demarcar que o movimento de legitimação e consolidação profissional, passa pela busca de uma base teórico-metodológica capaz de responder às principais questões postas à profissão em determinado momento.

<sup>9</sup>Um exame cuidadoso sobre o desenvolvimento capitalista e sua relação com a emergência do Serviço Social no Brasil foi desenvolvido por José Paulo Netto, em seu livro “Capitalismo Monopolista e Serviço Social”, uma leitura importante para nos dar algumas bases para o entendimento do significado histórico desta profissão. Como forma de instigar quem nos lê, deixamos aqui duas breves, porém significativas, passagens propostas nessa análise do autor: a) “no capitalismo monopolista, as funções políticas do Estado imbricam-se organicamente com as suas funções econômicas” (p.25) e b) “Através da política social, o Estado burguês no capitalismo monopolista procura administrar as expressões da “questão social” de forma atender às demandas da ordem monopólica conformando, pela adesão que recebe de categorias e setores cujas demandas incorpora, sistemas de consenso variáveis, mas operantes”



Cabe ainda observar que a análise do processo de apropriação por parte da profissão de matrizes explicativas acerca da realidade em seu movimento histórico e de construção de seus caminhos explicativos e interventivos, acompanha as transformações sociais que vêm particularizando o desenvolvimento do capitalismo em nossa sociedade e do pensamento social que o justifica. (YAZBEK, 2018, p. 51)

Nesse caminhar, passamos pelo pensamento doutrinário, pensamento conservador, pela matriz positivista, seja numa abordagem funcionalista, seja estruturalista, nos deparamos com a perspectiva fenomenológica, até que nos encontramos na matriz marxista, e, mais atualmente, temos que lidar com uma leitura pós-moderna da realidade<sup>10</sup>.

Ainda que estas diferentes possibilidades teórico-metodológicas se apresentem na nossa profissão, sem dúvida, merece enorme atenção este “encontro” do Serviço Social com a tradição marxista. E isto se dá num contexto duro e adverso, trata-se pois de um momento de renovação da profissão no país, sob um cenário de ditadura empresarial-militar, instaurada com o golpe ao então presidente João Goulart, no ano de 1964.

*Confira nossas recomendações de filmes  
sobre a ditadura brasileira!*



*Jango, o filme  
(1984, direção de  
Silvio Tendler)*



*O ano em que meus  
pais saíram de férias  
(2006, direção de  
Cao Hamburger)*



*O dia que durou 21  
anos (2012, direção  
de Camilo Tavares)*

<sup>10</sup>Algumas reflexões sobre estas tendências e influências do pensamento social no Serviço Social brasileiro, podem ser encontradas no didático texto de Maria Carmelita Yazbek, intitulado “Fundamentos Históricos e Teórico-Metodológicos e as tendências contemporâneas no Serviço Social”. O artigo é parte componente do livro *Serviço Social e seus fundamentos: conhecimento e crítica*, organizado por Yolanda Guerra [et al], publicado pela Editora Papel Social no ano de 2018.

É a partir das muitas transformações (econômicas, políticas e sociais) pelas quais passa o país, que o Serviço Social também se transforma, seja pelo redimensionamento dos espaços de atuação, pelas expressões da questão social que se agudizam diante de um modelo econômico que privilegia o capital estrangeiro, seja ainda pelas alterações no sistema educacional do país e, em especial, pelos movimentos de contestação ao regime que apesar de todo controle e coerção se mantêm resistentes.

Temos portanto, a partir de meados da década de 1960, o início do processo de renovação do Serviço Social brasileiro, que tem como elemento basilar a laicização da profissão, ou seja, tem-se um afastamento do pensamento doutrinário das bases da formação profissional, potencializado pela criação de cursos de Serviço Social em universidades espalhadas pelo país.

Inicia-se uma ampliação macroscópica do quadro profissional no país onde as tensões e disputas no interior da categoria se tornam presentes; e é neste meio que a renovação se dá em três direções que buscam responder de modo mais completo às demandas que se apresentam às/aos assistentes sociais naquela quadra histórica. Assim, a partir de textos e produções essenciais sobre a temática, é possível destacar que as direções da renovação do Serviço Social brasileiro, são i) perspectiva modernizadora; ii) reatualização do conservadorismo; e iii) intenção de ruptura.

E é esta “intenção de ruptura” que enfrenta a fera, ou seja, é esta a direção do processo de renovação que se funda numa perspectiva crítica e reconhece o compromisso de assistentes sociais com a classe da qual fazem parte, a classe trabalhadora. É necessário ainda demarcar

#### **Indicação de leitura:**

- *Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64 de José Paulo Netto (Cortez Editora);*
- *Ética e projetos profissionais: os diferentes caminhos do Serviço Social no Brasil de Priscila Fernanda Gonçalves Cardoso (Editora Papel Social).*

<sup>11</sup>Muitas profissionais atuaram ativamente e criticamente no período da ditadura militar. O Conselho Federal de Serviço Social, no ano de 2017 torna público o material Serviço Social, memórias e resistências contra a ditadura: depoimentos. Material que merece leitura, estudos e debates, para que conheçamos essa importante parte da história da profissão e do país. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/arquivos/Livro-MemoriasResistenciaContraDitadura.pdf>

que esta perspectiva contestatória ao tradicionalismo profissional tem raízes nas reflexões idealizadas por profissionais latino-americanas/os que, entre 1965 e 1975, constituem o que ficou conhecido como Movimento de Reconceituação. Movimento que se depara com ditaduras burguesas em diferentes países da América-Latina e que vai questionar o papel de assistentes sociais no processo de superação da condição de “subdesenvolvimento” desses países e que explicita uma preocupação dos profissionais em repensar a estrutura excludente do capitalismo<sup>11</sup>.

Foram duros anos de ditadura, muitas vidas ceifadas, muitas histórias interrompidas, mas a mocidade foi à luta, e construiu a manhã desejada. E assim foi também com o Serviço Social no Brasil, que, no ano de 1979, durante o III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais - o Congresso da Virada - em São Paulo, manifestou publicamente sua posição contrária ao regime ditatorial e fincou a luta pela hegemonia crítica na profissão, contra o conservadorismo persistente em todo seu desenvolvimento.

***Para Yamamoto “A ‘virada’ diz não à naturalização da exploração, à brutalidade da repressão, ao Estado ditatorial e seus representantes, aos direitos civis e políticos. A categoria de assistentes sociais faz a retomada de sua organização sindical e desencadeia uma disputa de hegemonia com os Conselho Federal e Regional de Assistentes Sociais (CFESS-CRESS)” (2019, p. 14)***

Com o fim da ditadura empresarial-militar, no ano de 1985, o Brasil inaugura um período de redemocratização e reordenamento jurídico-normativo, com vistas a restabelecer a ordem social pautada no regime democrático e reconstrução de princípios e valores que orientarão os rumos do país. Marco importante deste momento é a promulgação da nova Constituição Federal, que se dá no ano de 1988 e que, mesmo diante de interesses e disputas, se configura como um grande avanço legislativo. A “Constituição Cidadã”, como ficou conhecida, entre outras coisas, demarca, não sem contradições, políticas e direitos sociais à população brasileira.

O Serviço Social, que não está, nem nunca esteve “em uma bolha”, segue a esteira desse movimento político e reordenamento jurídico-normativo. Já em 1986 temos um novo Código de Ética, que revisa o código de 1975 e altera de forma integral os fundamentos da ética profissional. Foi, porém, nos anos de 1990 que conseguimos amadurecer as reflexões oriundas das três décadas anteriores, e construímos coletivamente um conjunto de orientações que balizam e fundamentam o projeto ético-político profissional. Aqui nos referimos às Diretrizes Curriculares da ABEPSS de 1996 - que orientam o projeto de formação profissional -, o Código de Ética de 1993 (Resolução 273 de 13 de março de 1993) e nova Lei de Regulamentação da Profissão, Lei 8.662 de 7 de junho de 1993.

É portanto a lei de regulamentação da profissão de 1993 que altera a nomenclatura dos conselhos, que passam a ser Conselho Federal e Conselhos Regionais de Serviço Social (CFESS e CRESS). Para Santos (2019, p.89),

A alteração das nomenclaturas e siglas não foi apenas semântica. Indicou uma diretriz importante que passou a ser observada na reformulação, necessária após a nova lei, de todo o conjunto das normativas da profissão: o conselho defende a imagem social da profissão em nome dos interesses da sociedade, das/os usuárias/os, e não necessariamente as/os profissionais que a exercem.

O Conjunto CFESS/CRESS deve zelar pela defesa da profissão, orientando e fiscalizando o exercício profissional. Esta tarefa, porém, não é simples, afinal há de se destacar que as condições éticas e técnicas com as quais assistentes sociais se deparam diariamente no seu exercício profissional somam-se às condições de trabalho postas a assistentes sociais, que como parte da classe trabalhadora, na condição de assalariamento, veem seus direitos negados, autonomia profissional questionada e a prestação de serviços de qualidade à população cada vez mais comprometido

Mas já dissemos aqui, e não é demais repetir, a categoria profissional de assistentes sociais no Brasil “não foge da fera e enfrenta o leão”<sup>12</sup>, e mesmo diante de tantas adversidades, podemos contar com profissionais comprometidas/os e dispostas/os a conduzir nossas entidades representativas. Uma tarefa que é militante, afinal não prevê remuneração para sua realização, e ao mesmo tempo é uma atribuição privativa, prevista no artigo 5º, inciso XIII.

O CFESS é uma autarquia pública federal, está sediado em Brasília, e conta com uma diretoria composta por dezoito assistentes sociais, eleitas/os para cumprir um mandato de três anos. De modo semelhante ao Conselho Federal, os Conselhos Regionais - presentes em todos os Estados e no Distrito Federal - são compostos por diretorias, eleitas para um mandato de três anos. Esta diretoria é formada por dezoito profissionais, sendo nove titulares (Presidenta/e, Vice-presidenta/e, duas secretárias/os, duas tesoureiras/os e três membros do conselho fiscal) e nove suplentes. Estas diretorias não recebem remuneração do Conselho para exercer as atividades que lhes compete, trata-se portanto de um compromisso ético-político expresso através de uma participação responsável e militante na condução do órgão de orientação e fiscalização do exercício profissional.

---

<sup>12</sup>Trecho da música “E vamos à luta”, de autoria de Gonzaguinha.

Em Minas Gerais, o Conselho Regional de Serviço Social, foi criado no ano de 1963, naquela época incorporava também as/os profissionais que atuavam no Espírito Santo. Após vinte anos, há a separação e passamos então a organização atual na qual os profissionais que atuam no território capixaba estão inscritas/os no CRESS 17ª Região, e aquelas/es que exercem a profissão em Minas Gerais, estão vinculadas ao CRESS 6ª Região<sup>13</sup>.

<sup>13</sup>No site do CFESS é possível encontrar informações sobre todos os CRESS e suas seccionais. Disponível em: <https://www.cfess.org.br/visualizar/menu/local/enderecos-dos-cress-e-seccionais>



Levando em consideração a vasta dimensão territorial e o aumento exponencial de profissionais atuantes no estado, o CRESS-MG, se organiza atualmente a partir de sede (localizada na capital, Belo Horizonte) e de três Seccionais: Juiz de Fora, Montes Claros e Uberlândia. De acordo com Pereira, Cunha e Lopes (2021, p. 62), “as seccionais cumprem um papel fundamental possibilitando maior aproximação com a categoria, no que se refere ao desempenho das atribuições executivas do Conselho”.

*De acordo com o Regimento interno do CRESS 6ª Região, no seu Art. 4º: “As Seccionais são constituídas no âmbito de jurisdição do CRESS 6ª Região por 03 (três) membros efetivos: Coordenador, Secretário e Tesoureiro, e mais 03 (três) membros suplentes, eleitos por via direta, dentre os Assistentes Sociais inscritos na área de jurisdição respectiva, de acordo com as normas estabelecidas pelo Código Eleitoral em vigor e pelo mandato de 03 (três) anos, coincidindo com o mandato da Direção do CRESS. Parágrafo único - As Seccionais estão sujeitas, para efeito de sua criação, funcionamento e outros, às normas estabelecidas pelo artigo 12, parágrafos 1º e 2º da Lei 8.662/93 e pelo Capítulo III da Consolidação de Resoluções do CFESS, instituída regularmente por Resolução”. (CRESS-MG, 2005, p. 1)*

A organização política e administrativa das ações dos CRESS deve se realizar, entre outras coisas, através do trabalho/atuação das comissões (regimentais e políticas), assessorias, grupos de discussão e também dos Núcleos de Assistentes Sociais. No que diz respeito às Comissões, o CRESS-MG mantém atualmente, além das Comissões regimentais (de Orientação e Fiscalização (COFI), Permanente de Ética, de Comunicação, de instrução, de licitação, de patrimônio e incineração, de combate à inadimplência e Administrativa), as seguintes Comissões políticas: i) de Serviço Social e Política de Assistência Social; ii) de Serviço Social e Educação; iii) de Serviço Social e Política de Saúde; iv) de Trabalho e Formação Profissional; v) de Ética e Direitos Humanos; vi) de Serviço Social e Previdência Social; e vii) de Apoio a Grupos Organizados - a Comago.

No sentido de ampliar e aprofundar a participação coletiva nas ações, no ano de 2016, no 45º Encontro Nacional do conjunto CFESS/CRESS, realizado em Cuiabá-MT, foram elaboradas “diretrizes nacionais acerca da interiorização das ações políticas dos CRESS”. Assim, ao tratar da criação dos núcleos o documento informa que a constituição destes:

[...] possui uma natureza de interiorização das ações dos CRESS, correspondendo a uma das estratégias do Conselho de se aproximar do cotidiano dos/as assistentes sociais, mediante ações político-pedagógicas que visam a fortalecer a mobilização destes/as profissionais, necessária à defesa da profissão e da qualidade dos serviços prestados às/aos usuárias/os. (CFESS, 2016, p. 124)

*Esse documento é parte integrante do Relatório final do 45º Encontro Nacional CFESS-CRESS e está disponível em: <http://www.cfess.org.br/arquivos/RelatorioFinal45EncontroNacional2017versaofinal.pdf>. Confira!*



**CFESS**

**CRESS**

**NÚCLEOS (NAS/NUCRESS)**

É importante destacar que as experiências de interiorização já vinham ocorrendo nos CRESS de todo Brasil, e em Minas Gerais não era diferente. Por exemplo temos as experiências do Núcleo Inconfidentes que em 2013 reunia profissionais de Mariana, Ouro Preto e região; ou a Nucleação registrada no município de Manhuaçu, que



<sup>14</sup>O Serviço Social brasileiro, como indicamos anteriormente possui um robusto aparato jurídico-normativo, que inclusive nos orientam ético-politicamente. Cabe destacar porém, além das diretrizes já mencionadas, alguns documentos que são fundamentais para os debates que envolvem os Núcleos de Assistentes Sociais, são eles:

a) Documento Especial CRESS-MG Nº 6 - Subsídios para fortalecimento das ações e organização dos Núcleos de Assistentes Sociais (NAS);

b) Resolução CRESS/MG nº 5347 de 02 de maio de 2017;

c) Resolução CRESS nº 6765/2021 de 6 de agosto de 2021.

<sup>15</sup>Inspirado na música “Bola de meia, bola de gude”, de autoria de Fernando Brant e Milton Nascimento.

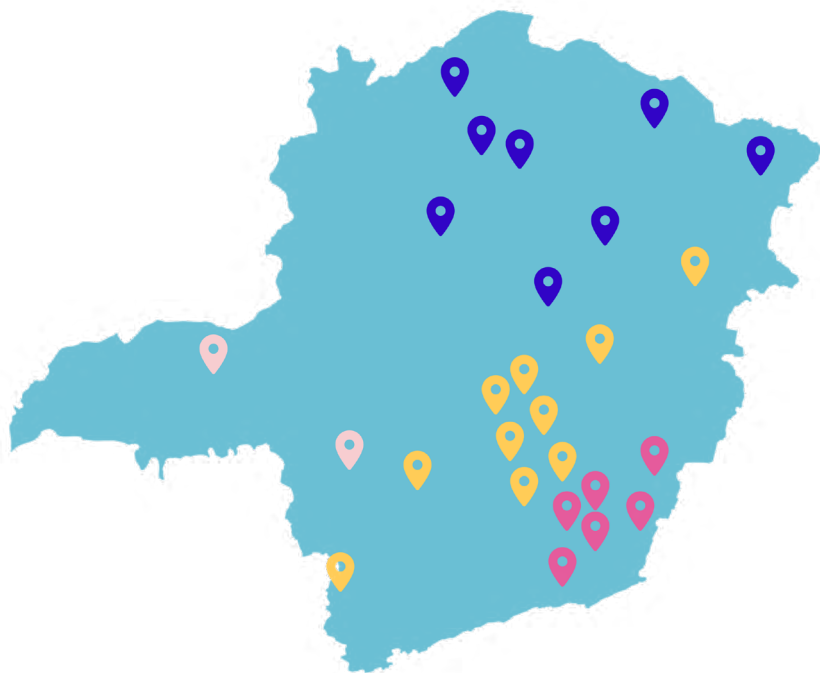
iniciou suas reflexões e debates no ano de 2005; ou ainda, a experiência de profissionais de Poços de Caldas, que em 2003, articulava ações para “diminuir a distância” de mais de quatrocentos quilômetros para a Sede do CRESS. Essas experiências guardam uma semelhança importante para nosso debate, o nome dado ao grupo destas/es assistentes sociais, no território mineiro, têm-se historicamente demarcada pela denominação de **Núcleos de Assistentes Sociais**.

É importante ressaltar que as diretrizes do CFESS para interiorização das ações do CRESS, traz um indicativo, em caráter de sugestão, que estas experiências sejam chamadas de Núcleos de Base do CRESS, ou simplesmente NUCRESS, que “pode ser acrescido por nomes/frases para denominar diferentes Núcleos, de acordo com a particularidade das regiões” (CFESS, 2016, p. 125). Todavia, levando em consideração todo o acúmulo e movimento histórico realizado pela categoria profissional em Minas Gerais, e sem qualquer prejuízo na concepção e execução das atividades, optou-se pela manutenção da identificação destas experiências de nucleação e interiorização de ações de mobilização e articulação política de assistentes sociais como Núcleo de Assistente Social, ou como costumamos falar: **os NAS**<sup>14</sup>.

*Sabemos que há um passado, no nosso presente*<sup>15</sup>, que é necessário conhecer e reconhecer essa trajetória linda e de luta pela qual nossa profissão passou. Os NAS em atividade no território mineiro, têm expressado nas suas ações um forte empenho na defesa e valorização da profissão. Cada um dos 26 núcleos espalhados nas diferentes regiões deste “país” chamado Minas Gerais, se constituem como importante estratégia de defesa e capilaridade das bandeiras de

lutas do Conjunto CFESS-CRESS; são pontes, uma força política capaz de captar o movimento da realidade concreta que atravessa o trabalho e a formação profissional.

Hoje, existem 26 NAS ativos no estado. Confira onde eles estão:



- |   |   |   |  |
|---|---|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>● Sede - Belo Horizonte</li> <li>● NAS Alto Paraopeba</li> <li>● NAS Formiga</li> <li>● NAS Guanhães</li> <li>● NAS Inconfidentes</li> <li>● NAS Pedro Leopoldo</li> <li>● NAS Poços de Caldas</li> <li>● NAS Prisional</li> <li>● NAS Sete Lagoas</li> <li>● NAS Teófilo Otoni</li> <li>● NAS Vespasiano</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>● Seccional de Juiz de Fora</li> <li>● NAS Ervália</li> <li>● NAS Juiz de Fora</li> <li>● NAS Manhuaçu</li> <li>● NAS Muriaé</li> <li>● NAS Ubá</li> <li>● NAS Viçosa</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>● Seccional de Montes Claros</li> <li>● NAS Baixo Jequi</li> <li>● NAS Carrancas</li> <li>● NAS Diamante do Vale</li> <li>● NAS Jequiético</li> <li>● NAS Pirapora</li> <li>● NAS Salinas</li> <li>● NAS Velho Chico</li> <li>● NAS Veredas</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>● Seccional de Uberlândia</li> <li>● NAS Cerrado Mineiro</li> <li>● NAS Sudoeste de Minas Gerais</li> </ul> |
|---|---|---|--|

\* Informações coletadas em novembro de 2022

### **3. OS GRUPOS ORGANIZADOS NO SERVIÇO SOCIAL: NÚCLEO DE ASSISTENTES SOCIAIS ENQUANTO ESTRATÉGIA POLÍTICO-PEDAGÓGICA**

*"Mas é preciso ter força, é preciso  
raça, é preciso ter gana sempre"<sup>16</sup>*

---

<sup>16</sup>Trecho da música "Maria, Maria", de autoria de Milton Nascimento.

O processo de organização política das/os assistentes sociais acontece desde o surgimento do Serviço Social, na década de 1930, no Brasil. Esse processo organizativo sempre se constituiu em defesa de determinados interesses de classe e em articulação com determinado projeto societário.

Portanto, a organização ídeo-política das/os assistentes sociais faz parte da histórica trajetória de lutas que o Serviço Social vem construindo ao longo dos anos, em nosso país. Dentre as várias estratégias e táticas desenvolvidas na profissão destacamos três: constituição e manutenção das entidades representativas da categoria profissional; articulação com movimentos sociais, populares, sindicais e partidos políticos; e ocupação crítica nos espaços públicos e da sociedade civil (PAULA, 2014).

Essas estratégias e táticas **político-organizativas** se constituem em articulação a estratégias e **táticas político-pedagógicas**. Em conjunto, conformam um rol de ações desenvolvidas por assistentes sociais que ocupam lugares nas entidades representativas da categoria profissional e outros espaços sócio-políticos em defesa de variados projetos profissionais e influenciam e/ou direcionam os rumos do exercício profissional das/os assistentes sociais.

Entretanto, a formulação e a realização de determinadas estratégias e táticas não asseguram a materialização dos objetivos propostos. A questão, muitas vezes, consiste em “como ‘chegar lá na ponta’, onde as/os assistentes sociais encontram-se imersas/os no burocratismo e pragmatismo da busca de respostas às demandas postas pela sua inserção institucional” (VINAGRE, 2009, p. 726). Surge aí a necessidade de se construir estratégias e táticas político-pedagógicas que possam aproximar esses objetivos profissionais das/os assistentes sociais, que se encontram cotidianamente no exercício dessa profissão.

É desse modo que compreendemos a natureza da proposta político-organizativa dos Núcleos de Assistentes Sociais (NAS) – enquanto uma importante estratégia político-pedagógica junto à nossa categoria profissional. Ele tem a capacidade de atuar como um *tentáculo*

*de um polvo* que, com sua elasticidade, consegue chegar a lugares longínquos e propiciar a capilaridade de nossas lutas e resistências.

### **POR QUE O NAS É UMA ESTRATÉGIA POLÍTICA?**

Porque tem como uma de suas finalidades ser um espaço de articulação e de integração da categoria profissional em prol da defesa dos valores e princípios que sustentam o projeto ético-político em hegemonia no Serviço Social. O NAS deve ser um espaço de articulação que promova a aproximação de assistentes sociais com outras instâncias políticas e espaços institucionais parceiros, como sindicatos por ramo de atuação, conselhos profissionais, movimentos sociais e populares, unidades de formação acadêmica, etc. O NAS cumpre um papel no processo de descentralização das ações políticas desenvolvidas pela nossa categoria profissional, trabalhando a questão da territorialização por meio da possibilidade da organização local ou regional de assistentes sociais.

### **POR QUE O NAS É UMA ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA?**

Porque ele também se constitui enquanto um espaço formativo que pode promover momentos de capacitação e de atualização profissional para assistentes sociais. Ele pode se configurar como um espaço propício para a discussão dos desafios colocados por profissionais a partir de seu cotidiano de trabalho dentro dos mais diferentes espaços sócio-ocupacionais. E, assim, cumprir o papel de construir e manter a interlocução com as ações do CRESS-MG, visando defender a qualidade dos serviços profissionais prestados à sociedade e a troca e circulação das informações.



*Aponte a câmera de seu celular para o Código QR que está ao lado e reveja a live promovida pelo CRESS-MG, com o “A importância da organização política para o Serviço Social brasileiro: desafios e estratégias de mobilização”.*

## Constituição e estruturação dos NAS

*"Nada a temer, senão o correr da luta.  
Nada a fazer, senão esquecer o medo"*

O presente documento propõe sinalizar algumas possibilidades e caminhos metodológicos para a estruturação dos NAS, a partir dos seguintes âmbitos: da articulação, da organização, da mobilização e da resistência.

Para isso, convidamos você a refletir conosco sobre:

**ARTICULAÇÃO:** significa juntura, encontro de dois pontos; portanto, o ponto de partida para a constituição de um NAS deve ser o movimento de articulação política entre assistentes sociais; é preciso realizar uma busca pelos nossos pares, encontrar profissionais dispostos para a construção de parcerias; promover o encontro entre os sujeitos que estejam imbuídos das mesmas angústias, necessidades ou desejos. Sendo assim, a articulação é um movimento contínuo de captação, de sensibilização, de chamado e de envolvimento de pessoas dispostas à realização de uma mesma tarefa.

**ORGANIZAÇÃO:** quer dizer composição, estrutura regular; o que significa que o segundo momento na constituição de um NAS deve ser a sua organização; tendo sido feita a articulação política necessária para se ter um grupo disposto a construir um NAS, o momento seguinte deve ser a sua organização; é preciso definir os papéis de cada participante; verificar quem tem mais disponibilidade para assumir tarefas na coordenação do grupo; estabelecer a dinâmica de funcionamento do NAS (dias de encontro, horário, atividades a serem realizadas).

**MOBILIZAÇÃO:** diz respeito àquilo que pode mudar de lugar, de se mover, se deslocar; desse modo, outro elemento fundamental

para a dinâmica de funcionamento do NAS é o processo de mobilização; por meio da mobilização, sujeitos movidos por uma determinada causa, se reúnem, definem objetivos e compartilham sentimentos, conhecimentos e responsabilidades para a transformação de uma dada realidade; portanto, mobilizar significa envolver interlocutores que analisam e interpretam contextos, realizam trocas e constroem estratégias coletivas de luta; precisamos estimular a criação de espaços coletivos de participação, democratização das ações e socialização de informações, promovendo estudos, discussões, reflexões, e, assim, fortalecer o processo de interiorização das ações e debates do Serviço Social brasileiro, fortalecendo as entidades do Serviço social, de forma coerente com o seu posicionamento ético-político na afirmação da luta coletiva em defesa de uma outra ordem societária.

**RESISTÊNCIA:** é tendência para suportar dificuldades e qualidade de reação, é defesa contra um ataque; nesse sentido, se faz necessário que os NAS se construam enquanto espaços de resistência; e que nós, assistentes sociais, possamos fazer parte dessa resistência coletivamente; frente aos inúmeros ataques que vivenciamos cotidianamente em nossos espaços de trabalho, diante da crescente desvalorização do nosso exercício profissional, precisamos ser resistentes; mas não estamos falando aqui de resistência passiva, de resiliência, estamos destacando que resistência é ação – ação de resistir ativamente e propositivamente; então, precisamos fazer com que o NAS seja o nosso ponto de encontro e de fortalecimento; o lugar que vai nos preencher de novas energias e de vontade de lutar por mudanças; resistência é motor da história, pois é ela que, muitas vezes, coloca limites aos processos de dominação e exploração; os instrumentos de resistência são

*Para se pensar a constituição e organização dos NAS, indicamos a leitura do documento especial n. 6: Subsídios para fortalecimento das ações e organização dos núcleos de assistentes sociais (NAS), publicado pelo CRESS-MG, na gestão 2014-2017.*

muito abrangentes: a luta, a arte, a cultura, a política, o debate, a música, a produção de conhecimento... até mesmo o pensamento; então, que nossos NAS se constituam enquanto espaços de resistência.

### *Objetivos e potencialidades dos NAS:*

*"Para quem quer me seguir,  
eu quero mais."*<sup>18</sup>

Compreendendo o NAS enquanto uma estratégia político-pedagógica que deve se estruturar a partir de ações de articulação, organização, mobilização e resistência, destacamos, neste momento, alguns elementos que devem estar presentes entre os seus objetivos e, também, algumas das suas potencialidades.

Os objetivos do NAS devem ser construídos coletivamente, pelo corpo de assistentes sociais que o compõem. No entanto, compreendemos que, entre esses objetivos, devem estar presentes: o estímulo à participação – pois precisamos ocupar os espaços que se apresentam ao Serviço Social dentro e fora dos ambientes institucionais, e devemos fazer isso de maneira planejada e articulada com as defesas realizadas pela nossa categoria profissional; a defesa da luta coletiva – porque juntos somos sempre mais fortes e individualmente nossos limites são muitos, portanto, o NAS deve se constituir enquanto um espaço que percebe as necessidades coletivas das parcelas de assistentes sociais que dele fazem parte para transformá-las em bandeiras de luta; o fortalecimento da profissão – o NAS pode ter a capacidade de projetar a imagem do Serviço Social que defendemos para os espaços institucionais, incluindo outras categorias, gestores, empregadores e os próprios usuários dos serviços sociais, reforçando a necessidade e a atualidade da defesa do nosso projeto ético-político profissional.

Entre as principais potencialidades do NAS, destacamos: a construção de uma gestão horizontal e participativa, capaz de primar pela

<sup>18</sup>Trecho da música "Cais", de autoria de Milton Nascimento.



socialização das informações e democratização das ações; a defesa do direcionamento crítico da nossa profissão, por meio da busca de consensos em torno dos valores e princípios do nosso Código de Ética Profissional; a realização de análises críticas sobre os determinantes e as contradições presentes na cena contemporânea, contribuindo para a formação da consciência de classe; a promoção de estudos, discussões e reflexões que venham a fortalecer o posicionamento crítico da categoria profissional e a afirmação da luta coletiva em prol da superação da ordem do capital; o fortalecimento do processo de interiorização desenvolvendo ações junto a parcelas de nossa categoria, que encontram-se muito distantes dos principais centros urbanos; o espraiamento dos debates construídos no âmbito da produção de conhecimento para assistentes sociais do interior do nosso estado; a formação de novos quadros e lideranças para assumir cargos de gestão em nossas entidades representativas do Serviço Social.

### *Mas, afinal, que atividades o NAS pode/deve realizar?*

*"Já não sonho, hoje faço com meu braço o meu viver"*<sup>19</sup>

Não existe limite para a criatividade dos NAS na hora de promover suas ações coletivas. Com base nas experiências de alguns NAS de Minas Gerais, destacamos abaixo algumas das ações que vêm sendo realizadas por eles, apenas como indicativo de possibilidade – lembrando que toda proposta de ação deve levar em conta a realidade daquela localidade onde o NAS se encontra, bem como a sua própria estrutura e organização.

- Realização de encontros e reuniões;
- Promoção de eventos e palestras;

<sup>19</sup> "Travessia", de autoria de Milton Nascimento.

- Organização de rodas de conversa;
- Oferecimento de oficinas e minicursos;
- Desenvolvimento ou propagação de campanhas;
- Parcerias com o CRESS para realização de ações pedagógicas e de orientação;
- Atuação nos espaços de controle social;
- Criação de comissões e grupos de trabalhos para debates/temas específicos;
- Participação em desagravo público;
- Proposição de atividades que envolvam os gestores locais.

Todas essas atividades devem ser:

**PLANEJADAS**

**ORGANIZADAS**

**EXECUTADAS**

**SISTEMATIZADAS**

**AVALIADAS**

**Planejamento** – ocorre a partir da análise da situação atual, por meio de decisões e definições das ações a serem executadas, envolve a deliberação dos recursos necessários, entre outros. Destaca-se como importante ferramenta de planejamento dos NAS o Plano de Ação;

**Organização** – refere-se à disposição, de forma estruturada, dos recursos necessários ao cumprimento de uma ação, facilitando a realização dos seus objetivos. São atos da organização: especificar as responsabilidades por tipo de atividade, resguardar tempo e espaço físico para execução da ação, entre outros;

**Execução** – é o desenvolvimento das ações planejadas buscando o alcance dos objetivos propostos de forma mais eficiente e eficaz;

**Sistematização** - processo de registro das experiências e ações realizadas visando o armazenamento das informações, bem como sua análise posterior para formular conclusões e corrigir os percursos do trabalho, quando necessário;

**Avaliação** - consiste no levantamento de dados e informações junto aos participantes da ação ou atividade, com a finalidade de analisar os aspectos de eficiência, resultados, impactos em relação ao objetivo inicialmente traçado, de forma a dar subsídio para o planejamento e/ou programação e tomadas de decisões para o aperfeiçoamento das ações.

Outro elemento que pode contribuir para o sucesso das atividades realizadas pelos NAS é a sua divulgação. Por isso, se faz relevante pensar sobre os instrumentos de comunicação utilizados pelo NAS.

Para além da importância do uso das mídias sociais para se comunicar com as/os profissionais e acumular informações sobre a profissão e suas lutas, tais como Facebook, Twitter, Blogs, WhatsApp, Instagram e e-mail, podemos utilizar alguns materiais, que podem ser elaborados com poucos recursos, ou até mesmo de maneira gratuita, quando enviados pelo CRESS ou para o CRESS, para serem socializados com o restante da categoria. Destacamos alguns materiais:



*Cartaz que integra a campanha nacional Assistentes Sociais no Combate ao Racismo, que aborda a intolerância religiosa (Criação: Comunicação CFESS/2018)*



*Boltim informativo do CRESS-MG, enviado anualmente para a categoria. (Criação: Comunicação CRESS-MG/2020)*



*Brochura Normativas que Orientam o Exercício Profissional da e do Assistente Social. (Criação: Comunicação CRESS-MG/2020)*

*Na tentativa de realizar uma breve síntese, para que possamos reiniciar nossas travessias, “seguindo pela vida, pois temos muito o que viver”, deixamos aqui algumas questões, que a todo tempo devem ser revisitadas, problematizadas e aprofundadas.*

### O que é o Núcleo de Assistentes Sociais?

*Espaços de organização e articulação de Assistentes Sociais, tem caráter político, pedagógico e formativo e objetiva a aproximação, reconhecimento e defesa da categoria profissional com as pautas do conjunto CFESS-CRESS.*

### Quem compõe o NAS?

*O NAS, para ser criado, necessita de um requerimento de, no mínimo, seis Assistentes Sociais, de um determinado espaço de atuação profissional, município, ou conjunto de municípios (NAS regionais). Assim, o NAS é composto por profissionais que se organizam mediante suas particularidades territoriais ou de espaços de trabalho. Por exemplo: NAS do Sistema Prisional; NAS Viçosa; ou NAS Jequiético.*

## Como o NAS se organiza?

*Para a condução e organização dos núcleos, é necessário que seja constituída entre profissionais que participam de suas atividades uma Comissão Gestora. A comissão gestora será composta por uma coordenadora/coordenador; uma secretária/secretário; e uma comunicadora/comunicador, que devem ser escolhidas democraticamente para um mandato de dois anos, em reunião ampliada com participação das/os assistentes sociais dos núcleos. Para fazer parte da comissão gestora, as/os profissionais devem estar adimplentes com as anuidades do CRESS e não estar respondendo processo ético e disciplinar junto ao Conselho.*

*A realização de suas ações necessitam de planejamento, organização, execução, sistematização e avaliação, num processo contínuo de mobilização e discussão de temas que atravessam o trabalho e a formação profissional.*

## Qual lugar do NAS no processo de organização política do Conjunto?

*Os Núcleos são espaços de articulação e organização de Assistentes Sociais, e tem como finalidade a valorização e fortalecimento da profissão e das/os profissionais. Os NAS são, portanto, importantes instrumentos de interiorização e capilarização das pautas políticas do conjunto CFESS-CRESS e da defesa do Projeto Ético Político crítico do Serviço Social.*

## *O caminho se faz caminhando...*

Chegamos ao final desse processo de construção coletiva relembrando o que nos indica Milton Nascimento: “chegar e partir são só dois lados da mesma viagem”<sup>21</sup>.

Desse modo, esperamos que, assim como o documento especial n° 6 “Subsídios para fortalecimento das ações e organização dos núcleos de assistentes sociais (NAS)”, motivou e desencadeou todo esse processo de diálogos, debates, reflexões, trocas, mobilizações, fortalecimento e coletividade, também, este **Documento para o Fortalecimento dos Núcleos de Assistentes Sociais (NAS)** possa ser inspiração e incentivo para a criação, fortalecimento e ampliação dos NAS em Minas Gerais. Que por meio dele os Núcleos sintam que não estão sozinhos; que todo movimento é importante; que a luta não pode cessar; e que a nossa organização política se faz necessária.

Desejamos que os NAS se construam cada vez mais como espaços capazes de acolher assistentes sociais; provocar reflexões profícuas; contribuir para a nossa mobilização política; para o aprofundamento da apreensão do significado social do Serviço Social; e para o fortalecimento da defesa do nosso projeto-ético político profissional.

E assim...

*(...) renova-se a esperança  
Nova aurora a cada dia  
E há que se cuidar do broto  
Pra que a vida nos dê flor  
flor e fruto”<sup>22</sup>*

<sup>21</sup>Trecho da música “Encontros e Despedidas” de autoria de Milton Nascimento.

<sup>22</sup>Trecho da música “Coração de Estudante”, de autoria de Milton Nascimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CFESS (Conselho Federal de Serviço Social). **Relatório final do 45º Encontro Nacional CFESS/CRESS: É preciso estar atento/a e forte!**. Cuiabá (MT): CFESS, 2016. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/arquivos/RelatorioFinal45EncontroNacional2017versaofinal.pdf> Último acesso em 31 de outubro de 2022.

CRESS-MG (Conselho Regional de Serviço Social de Minas Gerais). **Regimento interno do CRESS 6ª Região**. Belo Horizonte (MG): CRESS-MG, 2005.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Serviço Social em tempo de capital fetiche**. Capital financeiro, trabalho e questão social. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Prefácio**. In Congresso da virada e o Serviço Social hoje: reação conservadora, novas tensões e resistências. SILVA, Maria Liduína de Oliveira (Org.). São Paulo: Cortez, 2019. p. 13-16.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Trad. Pietro Nassetti. 2.ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. Trad. Ana Carvalhaes et al. 2.ed.rev. e ampliada. São Paulo: Boitempo, 2011.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo monopolista e Serviço Social**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_. **Uma face contemporânea da barbárie**. Revista Novos Rumos, v. 50, n. 1, 2013. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/3436>. Acesso em: 3 out. 2022.

PAULA, Luciana Gonçalves Pereira de. **Um debate sobre estratégias**

e **táticas** - problematizações no campo do Serviço Social. Tese de doutorado - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

PEREIRA, Carla Alexandra; CUNHA, Denise de Cássia; LOPES, Noêmia de Fátima Silva. **Conselho Regional de Serviço Social de Minas Gerais: trajetória histórica, organizativa e política.** In Serviço Social e debates contemporâneos: trilhando reflexões para o trabalho e a formação profissional. RODRIGUES, Adriana Severo. [et. al] (Orgs.). Curitiba: CRV, 2021.

SANTOS, Josiane Soares. A **“virada” do CFASS ao CFESS e o exercício profissional hoje.** In Congresso da virada e o Serviço Social hoje: reação conservadora, novas tensões e resistências. SILVA, Maria Liduína de Oliveira (Org.). São Paulo: Cortez, 2019. p. 83-98.

VINAGRE, Marlise. A **“Virada” na ética e nos Conselhos de Fiscalização Profissional.** In: Revista Serviço Social e Sociedade, São Paulo, n. 100, p. 720-727, out./dez. 2009.

YAZBEK, Maria Carmelita. **Fundamentos históricos e teórico-metodológicos e as tendências contemporâneas no Serviço Social.** In Serviço Social e seus fundamentos: conhecimento e crítica. GUERRA, Yolanda. [et. al] (Orgs.). Campinas: Papel Social, 2018. p. 47-84.